

Resenha de AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2019. 231 p.

Maria Fernanda Silva de Carvalho

Nilo Agostini é doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg (França), escritor, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco (USF). Com ênfase em Ética e Moral, Nilo Agostini desenvolve seus trabalhos nas áreas de Teologia e de Educação. Sua pesquisa de pós-doutorado, realizada no Departamento de Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com supervisão de Luiz Roberto Gomes, e com estágio no Centre d'Études en Sciences Sociales du Religieux (Césor) da École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS) em Paris, supervisionado por Michael Löwy – sociólogo marxista e um dos maiores estudiosos da obra de Walter Benjamin no mundo –, resultou em seu mais recente livro: *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin*.

Publicado em 2019 pela Editora Vozes, *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin* (231 páginas) conseguiu, magistralmente, “recolher a experiência de cada um deles nos embates da história e estudá-los em suas obras, buscando decifrar as convergências e as transversalidades no contexto da Teoria Crítica da Sociedade” (AGOSTINI, 2019, 27). Nilo Agostini mostra ao leitor como o filósofo alemão, que viveu de 1892 a 1940, e o pedagogo brasileiro, nascido em 1921 e falecido em 1997, ainda que pertencentes a universos culturais muito distintos, “compartem um intransigente compromisso com a causa dos oprimidos e explorados, com as vítimas do “progresso” capitalista, com a luta das classes subalternas por sua autoemancipação” (LÖWY, 2019, 218). E, para isso, Walter Benjamin e Paulo Freire entrelaçam materialismo histórico e religião – judaísmo e cristianismo respectivamente – a fim de refletirem sobre história e educação em uma combinação “herética” e revolucionária.

Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin inicia Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

com o prefácio de Luiz Roberto Gomes e, em seguida, há a Introdução, escrita por Nilo Agostini. O livro é dividido em quatro partes e cada uma possui três capítulos, que, por sua vez, contam com subcapítulos. A primeira parte, intitulada “A história a partir dos vencidos e demitidos da vida”, contém os capítulos: 1. A história escovada a contrapelo em Walter Benjamin; 2. A história a partir dos condenados da terra em Paulo Freire; 3. Entre a memória que redime e a mudança possível. A segunda parte, por sua vez, intitulada “A religião em Benjamin e Freire”, possui os seguintes capítulos: 1. Visão de mundo; 2. O desafio da práxis a partir da religião; 3. Messianismo e esperança. Já a terceira parte, “Marxismo e materialismo histórico em Benjamin e Freire”, divide-se em: 1. A apropriação de Marx e do marxismo; 2. O legado da Teoria Crítica da Sociedade; 3. O materialismo histórico: considerações de Benjamin e Freire. Por fim, a quarta parte, “A educação em Walter Benjamin e Paulo Freire”, contém os capítulos a saber: 1. Experiência, memória e educação em Walter Benjamin; 2. Leitura, práxis e emersão do sujeito em Paulo Freire; 3. Walter Benjamin e Paulo Freire. Em seguida, há a Conclusão do livro, feita por Nilo Agostini, e o posfácio, escrito por Michael Löwy. Por fim, as referências da pesquisa são apresentadas ao leitor.

A “Parte I – A história a partir dos vencidos e demitidos da vida” aborda tal visão da história por parte de Walter Benjamin e Paulo Freire. Benjamin, contrapondo-se fortemente à leitura positivista da história, a qual tende a se identificar com os vencedores, assume a tarefa de *escovar a história a contrapelo*, isto é, a tarefa “de ir contra a corrente da versão oficial da história, opondo-lhes a tradição dos oprimidos” (LÖWY, 2005, 31), buscando romper com o curso natural da história e do “progresso”. Curso esse que, de tamanha opressão, fez com que o “estado de exceção” se tornasse, para os oprimidos, a “regra” (tese 8). Por isso, Benjamin (2012, 243-244) é categórico ao afirmar que, “[e]m cada época, é preciso tentar arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela”. Tal afirmação de Benjamin se conecta muito bem ao pensamento de Freire, que via a necessidade de tirar o oprimido do ajustamento e da acomodação em que vive. Afinal, “a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma ‘ordem’

Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

injusta que gera a violência dos opressores e, esta, o *ser menos*” (FREIRE, 2014b, 41 apud AGOSTINI, 2019, 45). Para Freire, essa situação poderá modificar-se somente através do doloroso parto da libertação, o qual nada mais é que a superação da contradição opressores-oprimidos e através do qual nasce o “homem libertando-se” (FREIRE, 2014b, 48 apud AGOSTINI, 2019, 51).

Escrevendo a história a partir dos vencidos, “Benjamin e Freire sublinham a necessidade de uma inserção lúcida na realidade histórica como tarefa que não pode ser adiada” (AGOSTINI, 2019, 64). Enquanto Benjamin apresenta as contradições da sociedade a partir de uma crítica à Modernidade, na qual as pessoas se veem submissas ao “progresso”, tendo sua humanidade rebaixada à técnica, Freire aponta para a contradição opressores-oprimidos, “marcada pela violência que passa de geração em geração fruto de uma consciência possessiva e necrófila por parte dos opressores” (AGOSTINI, 2019, 66). Para que haja a redenção dos excluídos e dos vencidos da história, Benjamin ressalta a importância da memória e de uma atualização do passado a partir da concepção materialista da história. Já Freire, para que os oprimidos se libertem e se emancipem e, portanto, *pronunciem* o mundo, modificando-o, afirma a necessidade da práxis, do diálogo e da consciência crítica e problematizadora. A partir dos processos de conscientização, há “um processo de crescente participação do povo, de democratização fundamental, de emersão o povo” (AGOSTINI, 2019, 67).

A “Parte II – A religião em Benjamin e Freire” de *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin* discute a importância da religião no pensamento dos dois intelectuais. Para isso, Nilo Agostini apresenta ao leitor o lugar da religião desde as suas infâncias – Benjamin, ainda que nascido e criado em uma família bastante incorporada à cultura alemã e cristã, era judeu, enquanto Freire, filho de pai espírita e mãe católica, optou pela religião materna – até a influência da religião na e para a intelectualidade de ambos.

Benjamin, assimilado à cultura alemã e cristã desde criança, opõe-se ao sionismo, tendo uma visão cosmopolita e mística do judaísmo. Tal visão colabora

Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

para que prefira a teologia à religião, “diante da qual mantém uma certa distância crítica” (AGOSTINI, 2019, 74), pois, para ele, essa é uma espécie de sistema de crenças, no qual certezas e respostas já estão predeterminadas, e, atrelada “a uma construção especulativa dogmática, circunscreve as pessoas num sistema pronto de integração ao mundo, normalmente no sentido de resignação ante o sofrimento e a morte” (AGOSTINI, 2019, 83). A teologia, por sua vez, conecta Benjamin ao messianismo, que, juntamente com o materialismo histórico, possibilitará a redenção revolucionária dos vencidos da história. Afinal, o projeto messiânico de Benjamin é, sobretudo, político e revolucionário, o que fica bastante claro na seguinte citação de Löwy (2005, 52):

Deus está ausente, e a tarefa messiânica é inteiramente atribuída às gerações humanas. O único messias possível é coletivo: é a própria humanidade, mais precisamente, [...] a humanidade oprimida. Não se trata de esperar o Messias, ou de calcular o dia de sua chegada [...] mas de agir coletivamente. A redenção é uma autorredenção, cujo equivalente profano pode ser encontrado em Marx: os homens fazem sua própria história, a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores. [...] A redenção não é inteiramente garantida, ela é apenas uma possibilidade muito pequena que é preciso saber agarrar.

Paulo Freire, católico e, na juventude, influenciado fortemente por suas leituras de Tristão de Ataíde e de pensadores franceses como Jacques Maritain e Georges Bernanos e, logo depois, pelo seu estreito contato com a Teologia da Libertação, buscou, na religião, sempre seus elementos de libertação – e jamais de alienação. Para Freire, abstração e neutralidade são incompatíveis às Igrejas, visto que essas são instituições inseridas na história. Afirmando-se neutras, servirão sempre às classes dominantes: “Ingenuidade e esperteza se mesclam, neste campo, somando com ações que buscar anestesiarem as consciências ou amainar a dor, o que acaba por favorecer o *status quo*, deixando intactas as estruturas vigentes.” (AGOSTINI, 2019, 86). Freire acreditava que a adoção da posição cristã se dá na mundanidade, e não na transcendentalidade, fazendo-se na história, e não na meta-história. Assim como Walter Benjamin, Paulo Freire via a religião como possibilidade de ação, como motor para a luta: “Deus é uma ‘Presença na história’, mas uma Presença que não nos proíbe de fazer história. É uma Presença que não nos imobiliza para que se faça a história que nos cabe fazer.” (FREIRE, 2014d, 131 apud AGOSTINI, 2019, 98). Se a história

Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail:

mafescarvalho@gmail.com

é tempo de possibilidade, é preciso agarrar-se a esse tempo e à sua chance de redenção. Esse “agarrar-se” é sinônimo de “agir” e “lutar”, pois, na resignação passiva, não há mudança nem libertação. Essas se dão pelas mãos dos seres humanos – sobretudo dos oprimidos – na história, na terra, no chão.

Essa posição compartilhada por Benjamin e Freire se deve muito às suas ligações com o marxismo e o materialismo histórico, as quais serão discutidas na “Parte III – Marxismo e materialismo histórico em Benjamin e Freire” do livro de Nilo Agostini. Enquanto o filósofo alemão se aproxima do marxismo por conta da crise da República de Weimar, da leitura do livro *História e consciência de classe*, de Georg Lukács, e da influência da atriz russa e sua segunda companheira Asja Lacis, o pedagogo brasileiro “se aproximou do marxismo como cristão” (AGOSTINI, 2019, 122). Preocupado em compreender ainda mais a realidade objetiva, Freire (2007 apud AGOSTINI, 2019, 123) recorreu ao marxismo:

Eu sempre digo, não foram os camponeses que me disseram: Paulo, tu já leste Marx? Não, eles não liam nem jornal. Foi a realidade deles que me remeteu a Marx. E eu fui, eu fui a Marx. [...] É que quanto mais e quanto mais eu lia Marx tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. [...] Eu fiquei com Marx na mundanidade à procura do Cristo na transcendentalidade.

Assim como, para Freire, não há dicotomia – mas, sim, dialética – entre mundanidade e transcendentalidade, em Benjamin, existe

uma dialética do material e do espiritual na luta de classes que vai além do modelo bem mecanicista da infraestrutura e da superestrutura: o que está em jogo na luta é material, mas a motivação é espiritual. Se não fosse estimulada por algumas qualidades morais, a classe dominada não conseguiria lutar por sua libertação. (LÖWY, 2005, 59)

Enquanto Walter Benjamin, como filósofo, inclui, em suas discussões, diversas questões a respeito da Modernidade, como o fetichismo da mercadoria, a indústria moderna, a figura do trabalhador como autômato etc., Paulo Freire, como pedagogo, acrescentou, às suas reflexões sobre o ato de conhecer, “uma compreensão dialética e materialista da sociedade, no qual o ser humano se distingue como ser da práxis, unindo ação e reflexão, numa ação permanente com o mundo e sobre ele” (AGOSTINI, 2019, 124).

Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

Na quarta e última parte do livro, “A educação em Walter Benjamin e Paulo Freire”, Nilo Agostini traça um percurso desde a vida escolar dos meninos Walter e Paulo até a maturidade intelectual de Benjamin e Freire, abordando a presença e a importância do tema da educação em seus trajetos, bastante distintos entre si.

Walter Benjamin teve sua melhor experiência escolar em um diferenciado internato próximo à cidade de Frankfurt, um *Landerziehungsheim*, ou seja, um “lar de educação no campo”. Seguindo a pedagogia da “escola nova” e, portanto, diferenciando-se muito das escolas tradicionais alemãs, o lugar era chamado de *Schulgemeinde*, isto é, “comunidade escolar”, que tinha como diretor Gustav Wyneken, quem “desempenhou um papel destacado na vida do adolescente Walter, sendo seu mentor e orientador intelectual, com uma forte influência idealista e pedagógica” (AGOSTINI, 2019, 169). Mais tarde, matriculou-se na Universidade de Munique e conheceu Gershom Scholem, que será não apenas um grande amigo, como uma das suas influências intelectuais mais importantes. Nilo Agostini apresenta ainda, em seu livro, a parte “infernal”¹ da vida estudantil do filósofo alemão: seus anos no *Gymnasium*, onde é discriminado por ser judeu, sofrendo inclusive maus-tratos, que colaboram para “a diminuição de atenção e o baixo rendimento nos estudos” (AGOSTINI, 2019, 169). Todo o período que vivenciou como estudante marcou profundamente Benjamin, influenciando seus escritos de maneira importante. Segundo Bellester e Colom (2011, 74 apud AGOSTINI, 2019, 170), tal período “o marcaram de forma muito significativa em seu desenvolvimento vital, de maneira que pedagogia e vida se evidenciaram para ele como inevitáveis”. Não é à toa que os temas relacionados à infância, como as brincadeiras, os jogos e os livros infantis, foram tão caros a Benjamin. Mas será no livro *Infância em Berlim por volta de 1900*, escrito aos 40 anos e dedicado a seu filho Stefan, que ele unirá o tema da memória, um dos mais importantes em toda sua obra, à questão da infância, de modo que há “a vibração de uma memória pessoal e coletiva” (GALZERANI, 2002, 59 apud AGOSTINI, 2019, 172), apontando ainda para a distinção entre as experiências das crianças

¹ Segundo Agostini (2019, p. 169), Benjamin denominou de “inferno” seu período no *Gymnasium*. Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

e dos adultos. Como bem afirma Agostini (2019, 176), “[e]m Benjamin, a memória e a experiência são aspectos indispensáveis na educação”.

Diferentemente de Walter Benjamin, Paulo Freire teve uma infância pobre. Mas, assim como o filósofo alemão, o maior pedagogo brasileiro (e um dos maiores do mundo!) também encontrou dificuldades de aprendizagem, como na escrita, já aos 15 anos de idade. E, como aquele, as experiências da infância marcaram profundamente Freire, contribuindo muito para a sua pedagogia. Um dos aprendizados que teve dos pais, por exemplo, ainda quando menino – a importância do diálogo com todos e com o mundo – foi essencial para a construção da sua pedagogia do diálogo. Em seu livro, Nilo Agostini apresenta ao leitor, através de subcapítulos, duas questões fundamentais para a pedagogia de Paulo Freire: “O ato de ler: a leitura do mundo” e “O despertar como sujeito: emancipação como *emersão crítica e ética*”. A primeira se concentra na união primordial entre a leitura do mundo e a leitura da palavra, uma vez que não existe texto que não esteja inserido em um contexto. Essa questão está atrelada à segunda, visto que requer reflexão crítica, a qual é necessária para a emancipação. Nas palavras de Agostini (2019, 188-189):

A pedagogia para um povo em *emersão* requer a inserção crítica e ética na realidade que lhe é própria, bem como esta mesma inserção nos acontecimentos políticos em vista de uma crescente participação. Supera seu alheamento pelo poder que sempre o quis mudo e quieto para que não chegue a ser sujeito de seu próprio desenvolvimento, de sua humanização, num processo de educação que Freire (2014a, 113) chamou de “*democratização fundamental*”.

É essa educação, criticizadora e problematizadora, que se compromete com a libertação, a qual só pode ser realizada na práxis. Juntos e engajados, educadores e educandos buscam “a *emersão* das consciências, de que resulta sua *inserção crítica* na realidade” (FREIRE, 2014b, 98 apud AGOSTINI, 2019, 190).

Agostini inicia seu último capítulo do livro, “Walter Benjamin e Paulo Freire”, com o subcapítulo intitulado “Alimentados pela esperança”. Nele, o autor discute o lugar e a importância desse sentimento no e para o pensamento dos dois intelectuais. Segundo Freire (1997b, 5 apud AGOSTINI, 2019, 194-195),

Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

“[e]nquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica”. Para ele, a esperança é fundamental para aquele que luta radicalmente pela transformação do mundo e pela mudança das estruturas opressivas, pois “a radicalidade exige de nós uma ‘convivência’ maior com a raiz dos problemas” (FREIRE apud AGOSTINI, 2019, 197). Por seus escritos, os leitores podem perceber claramente o homem e o intelectual esperançoso que foi Paulo Freire. Por outro lado, segundo Michael Löwy (2005), há, em Walter Benjamin, um pessimismo decorrente de certa “melancolia revolucionária”. Provavelmente, esse pessimismo seja a neblina que esconde a sua esperança. Mas, quando aquela se abrandava, finalmente conseguimos enxergar essa. É Löwy (2005, 26), ainda, que nos fala de uma *aposta* de Benjamin “na possibilidade de uma luta emancipadora”. *Aposta* essa no sentido de Pascal, que Agostini (2019, 197) explica muito bem na seguinte passagem de seu livro:

Pascal (1671), em sua obra *Pensées*, de caráter apologético-cristão, aconselharia a Benjamin que há mais ganho em acreditar nessa possibilidade do que em não acreditar, pois a razão não alcança de todo tal entendimento. Segundo assim, o mais sábio é viver na esperança desta possibilidade [...], pois teríamos tudo a ganhar e nada a perder, ou ao menos mais a ganhar ao depositar nela a esperança.

A esperança de Freire e Benjamin é aquela que vem do verbo *esperançar*, e jamais do verbo *esperar*, como bem diferenciava o pedagogo brasileiro. A esperança de ambos é revolucionária.

Os últimos subcapítulos do livro de Agostini chamam-se “A crítica à educação burguesa e domesticadora” e “Educar no sentido redentor e crítico: entre o movimento descontínuo e a renovação constante no diálogo”. No primeiro deles, o autor discute tal crítica feita pelos dois intelectuais. Em Benjamin, é importante termos em mente que educação e cultura estão bastante atreladas, visto que, pela sua formação, o filósofo apontava a responsabilidade da cultura na formação da população. Além disso, seu modo de pensar a pedagogia se dividiu em duas fases: a primeira, idealista, de 1911 a 1915; e a segunda, marxista, de 1926 a 1930. Uma das mais contundentes críticas que fez à pedagogia burguesa está presente no que denominou de “pedagogia colonial”: “[s]em ligação com uma coletividade, a pedagogia transforma-se facilmente em colonização das consciências”, transformando “crianças e jovens em mercadoria

Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

oferecida às classes dominantes” (AGOSTINI, 2019, 201), sendo assim, alienante e reificante. Nela, ainda, “[d]esvaloriza-se a cultura que o indivíduo traz em sua experiência; este, alienado, tem sua experiência falsificada no seio da cultura burguesa à qual se entrega” (AGOSTINI, 2019, 202).

Tal crítica de Benjamin muito se assemelha às críticas feitas reiteradamente por Paulo Freire. Uma delas está relacionada à educação bancária, a qual, segundo Freire, se limita ao ato de depositar. Nela, “[n]ão interessa a transformação da situação que oprime; ao contrário, interessa manter cativa a consciência dos oprimidos, que deve ser transformada em dócil para que responda mecanicamente aos comandos de quem as controla” (AGOSTINI, 2019, 203). Contra o diálogo, ela também busca reificar e colonizar os oprimidos/dominados, os quais são enganados com o mito da superioridade, especialmente cultural, dos opressores/invasores.

Já no subcapítulo “Educar no sentido redentor e crítico: entre o movimento descontínuo e a renovação constante no diálogo”, ao fim de *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin*, Nilo Agostini salienta que, para Freire, educar no sentido redentor e crítico une salvação e libertação, pois apenas quando os oprimidos se conscientizam da realidade opressora em que vivem e da necessidade de transformá-la é que podem lutar pela mudança das estruturas que os oprimem e, logo, por sua libertação. Para esse educar, é necessária uma posição rigorosamente ética e crítica, já que o ponto de vista – bem como o de partida – é sempre o oprimido. Benjamin (2021, 248), em sua tese *12 sobre o conceito da história*, afirma que “[o] sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida”, sendo essa “a classe vingadora que consuma a tarefa de libertação em nome das gerações de derrotados”. Desse modo, “[o] protagonista da história é o oprimido, como em Freire, com a precisão, em Benjamin, de que se trata daquele que luta” (AGOSTINI, 2019, 206-207). Para que haja libertação e, portanto, redenção, a memória do passado se faz necessária. Sem ela, a luta pelo futuro também não é possível.

Em seu livro *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin*, Nilo Agostini apresenta ao leitor, com profundidade, mas também com

Mestra em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Pública Estadual de Educação de Santa Catarina. Brasileira, residente em Florianópolis/SC. E-mail: mafescarvalho@gmail.com

clareza, as convergências e transversalidades entre Benjamin e Freire, sobretudo no que se refere à combinação entre materialismo histórico e religião, que, segundo Löwy (2019, 219), “os distingue da vulgata política ou ideológica dominante, e constitui o terreno sobre o qual se desenvolvera a reflexão de ambos sobre a filosofia da história e sobre a teoria da educação”. Além disso, ao relacionar esses dois grandes autores – tão distantes em seus universos culturais, mas tão próximos em tantos pensamentos e ideais –, Agostini escreveu uma obra pioneira. Ao mergulhar nela, o leitor não se encanta apenas com a esperança revolucionária de Walter Benjamin e de Paulo Freire, mas também com a de Nilo Agostini. *Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin* é uma injeção de esperança e coragem em veias cansadas de outros e destes tempos. Afinal, como bem escreveu Guimarães Rosa, em seu *Grande Sertão: Veredas*, “o que a vida quer da gente é coragem”. E esperança. Esperancemos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LÖWY, Michael. Posfácio. In: AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito e história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.